

Os dialetos e as duas formas oficiais de escrita do norueguês

Yuri Fabri Venancio¹

yuri.venancio@usp.br

Nesse artigo demonstraremos como as duas variantes escritas norueguesas surgiram em um momento que só havia basicamente uma escrita no país (a escrita dinamarquesa), embora houvesse substratos dialetais em orações diretas para retratar o camponês norueguês ou até mesmo textos escritos em dialeto. Tal separação é importante para podermos indicar o *terminus a quo* e os étimos² em cada uma dessas duas variantes. Apresentaremos as mudanças formais e ideológicas que contribuíram para que pudesse ocorrer essa transição e a formação das duas escritas oficiais, mas não nos prolongaremos nas mudanças ortográficas posteriores, realizadas em um momento em que a Noruega já havia oficializado essas duas variantes escritas.

Realizaremos aqui um breve comentário sobre o porquê da existência de duas línguas oficiais e tantos dialetos, todos de base germânica. Inicialmente comentaremos sobre os dialetos e por quais características eles são classificados. Em seguida, para motivos metodológicos referente à dissertação, apresentaremos as razões políticas e ideológicas e as mudanças formais que fizeram com que uma língua escrita, basicamente dinamarquesa, existente a partir do século XVI até o fim do século XIX, deu lugar a duas formas escritas, o *bokmål* e o *nynorsk*. O surgimento dessas duas formas oficiais se deu em todo o século XIX e os debates entre os apoiadores de cada uma das vertentes é conhecido como *den norske språkstriden* "a guerra de idiomas norueguesa".

Na realidade, atualmente a Noruega possui três idiomas oficiais: os já citados *bokmål* e *nynorsk*, mas também o sami (subdividido em sami do sul, sami de Lule, e sami do norte). Os dois primeiros têm origens distintas, mas ambos são germânicos e de uso escrito; o terceiro, por sua vez, tem origem fino-ugriana e utilizado, em sua maior parte, nas regiões ao norte da Noruega como Finnmark e Nord-Troms.

Além dos idiomas oficiais, a Noruega possui centenas de dialetos. Apesar de haver algumas formulações de escrita para eles, são restritos à fala, já as duas línguas

¹ Mestrando em Letras pela FFLCH-USP, bolsista CAPES e membro do NEHiLP (Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa)

² De acordo com as diretrizes do NEHiLP (USP)

oficiais são utilizadas por documentos do Estado e pela mídia. De acordo com Jahr (1990, p. 7), a geografia norueguesa teve uma grande importância na formação dos dialetos, uma vez que os fiordes e o mar uniam as pessoas na região costeira aos tempos antigos; na parte continental, entretanto, havia altas montanhas, amplos planaltos e florestas, e grandes distâncias que criaram um bloqueio para o transporte e comunicação entre os habitantes de cada aldeia.

Outra causa é a utilização do idioma dinamarquês como língua oficial escrita do século XVI até início do XIX. Em 1814, quando o domínio dinamarquês acabou, as pessoas reconheciam apenas seus dialetos como o verdadeiro norueguês e queriam que os alunos não utilizassem uma forma normatizada quando fossem para a escola. Esse foi o motivo mais importante para que o Odelstinget do Stortinget³ em 1878 determinasse que os alunos deveriam ter aulas orais de acordo com seus próprios dialetos. Em 1915 e 1917 esse princípio veio para as leis escolares e lá ainda se encontra (p. 8-9). No parágrafo § 5 que trata das formas de fala no ensino fundamental do capítulo 2 da Lei sobre o ensino fundamental e médio, ou também conhecida como Lei da aprendizagem, determina-se:

"Nas aulas orais os alunos e o pessoal de ensino decidem por si próprios quais formas de fala utilizarão" (tradução nossa).

A importância dos dialetos na Noruega vai de encontro à maioria dos outros países europeus, que veem seu uso como algo rude e típico de pessoas não estudadas. Jahr (1990) descreve tal importância da seguinte maneira:

"Na Noruega ser *de* um local é muito importante (...). Identificar-se com o local de que se vem é importante para muitos noruegueses. Dessa maneira, o uso do dialeto está intimamente ligado a isso. Ele conta aos outros de onde viemos e faz com que sempre saibamos onde o *lar*, de fato, se encontra" (p. 7) (tradução nossa)

Como exemplo de um dialeto que deve suas características à geografia por conta do isolamento temos o *vallemål*⁴, dialeto do município de Valle, na região Sørlandet e que se encontra no meio de Setesdal, que é um vale e também um distrito no condado de Aust-Agder. Por conta de tal isolamento, ele possui muitas

³ Stortinget é o parlamento norueguês. O Odelstinget era uma de suas câmaras.

⁴ www.vallemal.no

características particulares, que podem ser conservação do antigo nórdico ou um desenvolvimento à parte e exclusivo:

a) preposições regidas por dativo, inexistente na maioria dos dialetos noruegueses; muitas delas apresentam uma conservação do antigo nórdico, p. ex., *frå*, AN *frá* "de"; *av*, AN *af* "de"; *sjå*, AN *hjá* "junto de", etc.

b) ditongação ocasionada por fatores fonológicos: *i* > *í* [æj]; *e* > *é* [ej]; *y* > *ý* [uj]; *o* > *ó* [ow]; *u* > *ú* [ew] e *ø* > *ǿ* [øj]. Alguns ditongos ocorrem apenas nessa região, por isso não é uma conservação do antigo nórdico, p. ex., AN *nýr* [y:] "novo", IS *nýr* [i:], mas no dialeto *ný'e* (ᚦij); AN *hví* [i:] "por que", IS *hví* [i:], mas no dialeto *kví* [ej].

c) declinação de caso dativo na forma definida (TORP, 1990, p. 36)

- além da flexão de gênero do número um, ou seja, *en*, *ei*, *ett*, em masculino, feminino e neutro, respectivamente; também se flexionam, como no antigo nórdico, os números dois, três e o quatro, p. ex: no masculino *tvei*, *trí* (pronuncia ['trej]), *fjouri hesta*; AN *tveir*, *þrír*, *fjórir hestar*, "dois, três, quatro cavalos"; no feminino *tvæ*, *trjå*, *fjórel/fjóra* (pronuncia-se [fjowre/fjowra]) *bóka*, AN *tvær*, *þrjár*, *fjórar bækur* "dois, três, quatro livros e no neutro *tvau*, *trjú*, *fjágó* (pronuncia ['fjogow]) *hús*, AN *tvau*, *þrjú*, *fjögur hús* "uma, duas, três casas".

Por outro lado, como exemplo de dialeto também influenciado pela geografia, mas que não se manteve isolado e sim em contato, há o dialeto da cidade de Bergen. De acordo com estudosos do dialeto (NESSE, 2003, p. 79), o *bergensk* se simplificou ou sofreu modificações morfológicas por conta do contato com o médio baixo-alemão no período da Liga Hanseática, que o influenciou com suas características e fez com que ficasse muito diferente dos dialetos das cidades ao seu redor. Algumas características:

a) ausência do morfema de plural no predicativo do sujeito.

bergensk:	<i>di</i>	<i>e'</i>	<i>avhengig</i>
	3pp	V ⁵	Q ⁶ (- morf.pl.)
	"Eles	são	dependentes"

⁵ verbo

⁶ qualificador

forma não marcada:	<i>de</i>	<i>er</i>	<i>avhengige</i>
	3pp	V	Q (+ morf.pl.)
	"Eles	são	dependentes"

b) apenas os gêneros comum e neutro ao invés de masculino, feminino e neutro. Na gramática normativa, tradicionalmente, denominados "artigos" e "pronomes adjetivos". Em todos os dialetos o *den* representa masculinos e femininos e o *det* representa os neutros:

bergensk:	<i>den</i>	<i>første</i>	<i>natten</i>
	(Det ⁷ . M/F)	(Q)	N (masc.)
	"A	primeira	noite"
forma não marcada:	<i>den</i>	<i>første</i>	<i>natta</i>
	(Det. M/F)	(Q)	N (fem.)
	"A	primeira	noite"

O substantivo *natt*, que é feminino em quase todos os dialetos, se comporta da mesma maneira que o masculino.

c) morfema *-et* ao invés de *-a* como marcador de pretérito dos verbos fracos da primeira conjugação:

bergensk:	<i>me</i>	<i>snakket</i>	<i>om jenten</i>
	2pp.	V-Pret ⁸ .	prep ⁹ . N (masc.)
forma não marcada	<i>vi</i>	<i>snakka</i>	<i>om jente</i>
	2pp.	V-Pret.	prep. N (fem.)
	"Nós	falamos	sobre a menina"

d) marcador de infinitivo *te* ao invés de *å*:

bergensk:	<i>te</i>	<i>bruke</i>	<i>beinene</i>	<i>sine</i>
	MInf.	V.Inf.	N	PPoss.
forma não marcada	<i>å</i>	<i>bruke</i>	<i>beinene</i>	<i>sine</i>
	MInf.	V.Inf.	N	PPoss.

⁷ determinante

⁸ Verbo no pretérito

⁹ Preposição

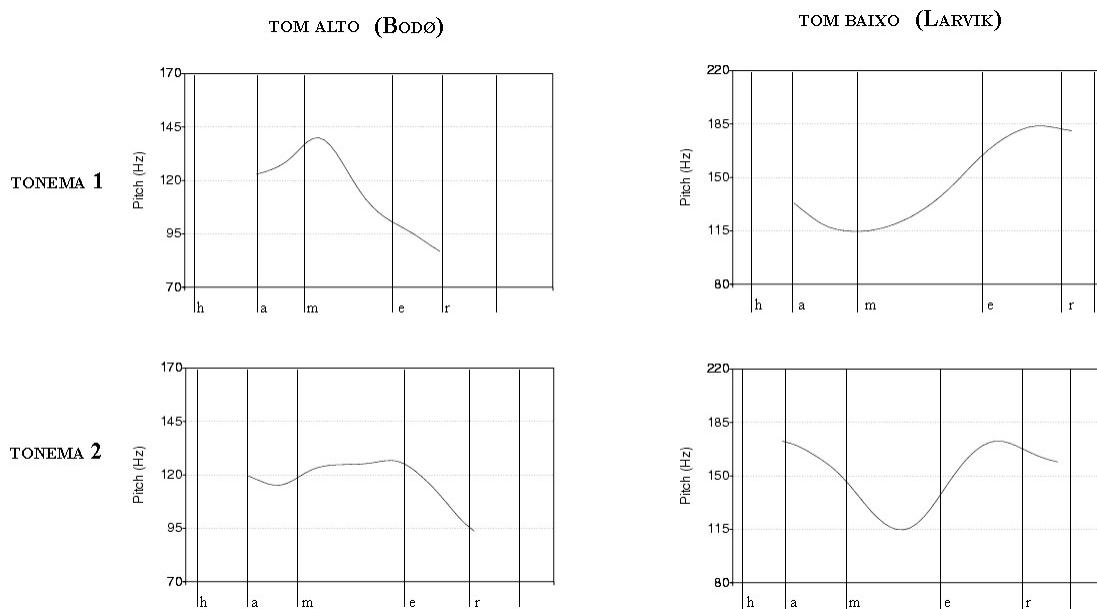
"Ø usar as pernas suas"
(...) usar as suas pernas.

Os dialetos são divididos *grosso modo* em quatro categorias baseadas na posição geográfica: *østnorsk*, *vestnorsk* (*sørlandsk* incluso), *trøndersk* (Nordmøre incluso) e *nordnorsk* (JAHR, 1990, p. 10). Muitas são as características e combinações das mesmas que atribuem um determinado dialeto a uma dessas categorias e muitas dessas características podem existir em mais de uma categoria, como uma forma de *continuum*.

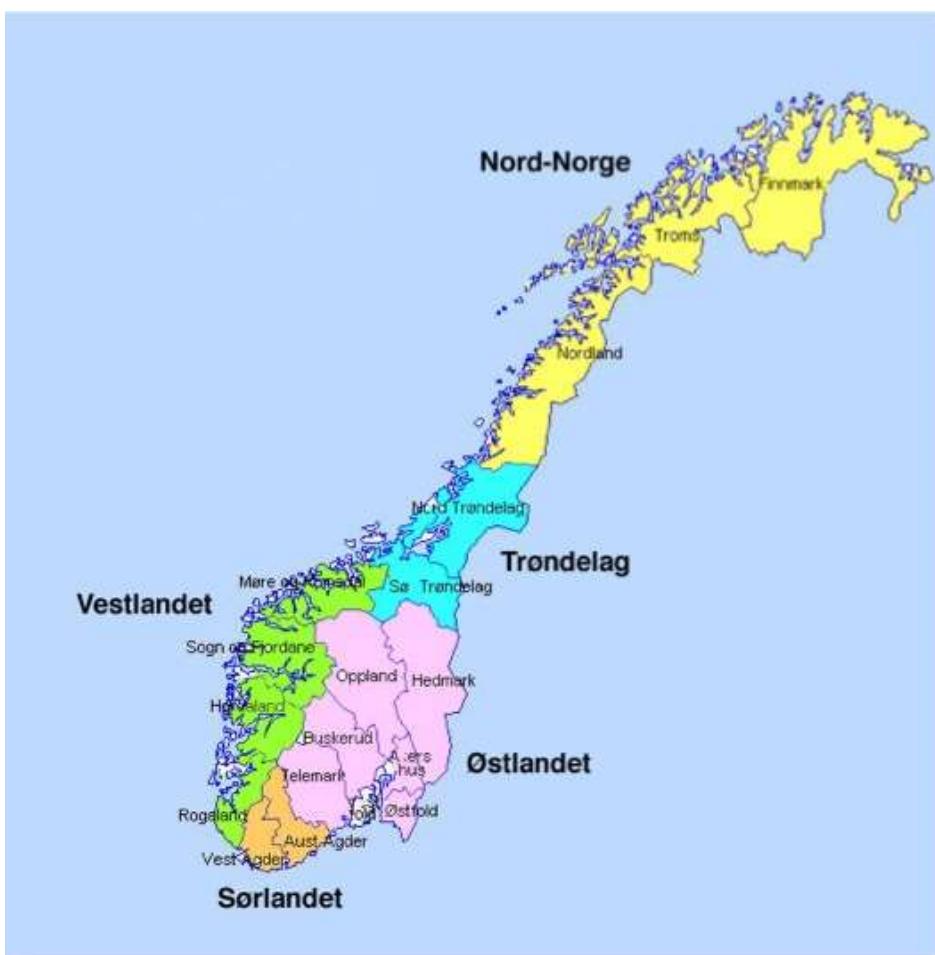
Algumas características dos dialetos

A) Tom:

Os dialetos noruegueses são tonais e podem ser divididos em dois tonemas: *høytone* (tom alto) e *lavitone* (tom baixo). O *høytone* se refere a um tom alto na primeira sílaba da palavra, ao passo que o tom na próxima sílaba é baixo; com relação ao *lavtone*, o processo é ao contrário. Essas duas categorias são separadas geograficamente com base na região de Trøndelag (centro da Noruega e onde está a categoria *trøndersk*): ao norte e ao oeste, como também em Sørlandet, estão os dialetos com *høytone* e ao leste e na própria região de Trøndelag há o *lavtone*. Isso quer dizer que os dois tonemas noruegueses são pronunciados diferentemente nesses dois cortes geográficos (HANSEN, 2010, p. 59-61; JAHR, 1990, p. 10). Por exemplo, como na imagem a seguir retirada do *Lingvistik Institutt* (disponível em: http://www.ling.hf.ntnu.no/ipa/no/tema_008.html):



Mapa do corte geográfico dialetal na Noruega:



B) Tjukk-L “L espresso”

Tal característica existe em alguns dialetos noruegueses como, por exemplo, em toda a porção leste, em toda a região de Trøndelag, em Romsdal, em Nordmøre, na parte leste de Telemark, e também em alguns dialetos suecos, mas não em dialetos dinamarqueses (HANSSEN, 2010, p. 67-69). Temos, portanto, *sol* "sol" pronunciado como [so:l]

C) Consoantes retroflexas e suas consequências

Nos casos em que o *r* é seguido das consoantes *l*, *t*, *d*, *n* e *s*, ocorre a transformações destas da seguinte maneira *rl* > *l*, *rt* > *t*, *rd* > *d*, *rn* > *n* e *rs* > *s*, respectivamente. É um processo de assimilação que resulta na retroflexão (HANSSEN, 2010, p.70). Jahr afirma que tais características ocorrem ao leste da Noruega, em Trøndelag, na região Nord-Norge, em Romsdal, Molde e Ålesund. Dessa maneira: *gult* [gɻt] "l truncado"; *surf* = [sɻf] "azedo"; *ferdig* [fædqɪ] "pronto"; *perle* [pæ:lə] "pele"; *bjørn* [bjø:n] "urso" e *forsynt* [fåʃynt] "provido, fornecido".

D) Palatalização das alveolares

Tal característica não se encontra na parte sul da região Østlandet; em Vestlandet, por outro lado, se encontra apenas no Norte de Sognefjorden; está presente em toda a região de Trøndelag e na região Nord-Norge, com relativa presença no interior de Finnmark. Nesse processo ocorre a palatalização das consonantes alveolares *l*, *n*, *d* e *t* quando elas estão longas, ou seja, *ll*, *nn*, *dd* e *tt*. Portanto ocorrem tais mudanças sonoras: *vill* >¹⁰ [viʎ] "selvagem", *man* > [maŋ] "homem", *kvitt* > [kvic, kvij] "branco" e *vidde* > [viðe] "amplidão". Muitos textos representam esses sons por dígrafos ou trígrafos com com *j* ou *i*, portanto, *mannj* "homem", *danjs* "dança" ou *mainn*, *dains* (HANSSEN, 2010, p. 75). É um desenvolvimento parecido com o lat. *ll* e *nn* > esp. *ll* e *ñ*.

E) Palatalização das velares

Jahr (1990) cita um outro tipo de palatalização que ocorre por toda a Noruega,

¹⁰ De acordo com os símbolos do NEHiLP: x > y (x é étimo/origem de y)

mas que é mais difundido no oeste, a saber, a palatalização das oclusivas velares *k* e *g*, que são empurradas para o palato diante das vogais *i* e *e* (p. 15). Hanssen (2010) exemplifica com *bakke* > [bacə] “encosta”, *rike* > [ri:cə] “reino”, *dagen* “o dia” > [dajen], *ringen* “o anel” > [rijnən] e *banken* “o banco” > [baŋcən] ou seja, [k] > [c]; [g] > [j]; [ŋ] > [nj] e [ŋk] > [nc] (p. 76). Também é um processo que parece ocorrer com o latim vulgar, pois temos, de acordo com o Metaplasmador¹¹, a passagem de *k* > *c* > *ts* > *s* em palavras como, por exemplo, lat. *centum* > pt. *cento* e lat. *lancēam* > *lança* ou seja, o dialeto norueguês para na segunda transformação. Esse processo dialetal é comum em Vestlandet, antigamente também em partes da região Nord-Norge. A autora também afirma que em algumas partes da Noruega como, por exemplo, em Nord-Norge, em Trøndelag e em muitas cidades de Vestlandet, está ocorrendo um processo de forma hipercorretiva, pois muitos falantes não estão mais pronunciando a de maneira palatalizada, mas sim velarizada (p. 76).

F) R gutural

É um processo que ocorre na costa em Sørlandet e no Sul de Vestlandet. De acordo com Jahr (1990) é a característica linguística que está mais se avançando nos dias atuais, pois está se espalhando para o norte da costa da região Vestlandet e da costa para o continente. Jahr afirma que o R gutural surgiu como uma pronúncia de moda em Paris no século XVII e de lá se espalhou para muitas partes da Europa ocidental como, por exemplo, Dinamarca e sul da Suécia (p. 15). Também encontramos esse som em várias regiões da Alemanha. Hanssen (2010) é da mesma opinião e afirma que o som está sendo usado por jovens em áreas que não utilizavam antes; por isso, o processo continua. O autor também comenta que esse processo foi cartografado em 1900 e a partir daí é possível seguir sua expansão (p. 73).

G) Forma do infinitivo

De acordo com Jahr (1990, p. 16), os dialetos norueguês apresentam uma variedade de formas de infinitivo:

1) terminados em -e como em *finne* "encontrar". Existentes em algumas partes de Troms e Finnmark, em Aust-Agder da região Sørlandet e na parte norte de

¹¹ Programa desenvolvido pelo NEHiLP (www.nehilp.org)

Vestlandet;

2) terminados em -a como em *finna* "encontrar". Existentes em Vest-Agder (região da Sørlandet) e no centro e sul da Vestlandet;

3) alguns terminam em -e (*overvekt*), como *finne*, e outros em -a (*jamvekt*), como *væra* "ser". Esse processo é conhecido como *kløyvd infinitiv*¹² "infinitivo rachado" e é realizado em Østlandet e Trøndelag. Também ocorre a apócope nas palavras *overvekt*, mas apenas em Trøndelag. Em Salten (Norland) também ocorre esse processo.

Exemplo dado por TORP & VIKØR (2000, p. 70):

AN *kasta* > dialeto *kaste* /'kaste/ "jogar" (infinitivo em -e, sílaba longa por conta do -st-). Com relação à apócope temos: *kaste* > /kast/; *live* > /liv/ "viver". É comum na região de Trøndelag.

AN *fara* > dialeto *fara* /'far'a/ > /fa:ra/ "andar, viajar" (remodelagem, infinitivo em -a, perceba que a sílaba ficou longa, antes tanto a vogal quanto a consoante eram curtas, portanto, agora a vogal é longa).

Jahr (1990, p. 18) também afirma que nessa região ocorre um processo chamado de *jamning* "assimilação entre vogais" nos verbos em -a, quer dizer, pode haver assimilação total ou parcial entre as vogais:

AN *koma* /'kom'a/ "vir" (*jamvekt*) > dialeto *kåmmå* /'kom'o/ (assimilação total) >

¹² O *kløyvd infinitiv* ocorre nas regiões onde há o tonema 2 realizado em tom baixo. Se consultarmos acima, veremos que o tom começa alto, desce e volta a ser alto. Para que seja possível entender porque o infinitivo de alguns verbos termina em -a e outros em -e, é preciso ter em mente que o antigo nórdico possuía apenas a forma infinitiva em -a (*finna*, *kasta*, *vera*). A quantidade silábica do antigo nórdico, portanto, foi determinante para a ocorrência da redução em -e (*overvekt* "sobrepeso") ou da manutenção do -a (*jamvekt*) "balanceado" na sincronia futura. O antigo nórdico possuía as seguintes quantidades silábicas: VK (sílaba curta), VVK, VKK (ambas sílabas longas) e VVKK (sílaba super longa) e os dialetos noruegueses, de modo geral, mantiveram apenas as formas b e c, ou seja, não há palavras com sílaba curta ou super longa. Essa diferenciação hoje em dia é demonstrada na grafia, quer dizer, se a vogal for longa, a consonante seguinte será curta (consoante simples) e se a vogal for longa, a consoante seguinte será longa (consoante geminada) e a sílaba sempre será longa. Com a remodelagem silábica, deixou de existir a diferença quantitativa entre a palavra *overvekt* (sílaba longa) e *jamvekt* (sílaba curta), pois todas passaram a ser *overvekt*, mas a diferença qualitativa nas vogais finais por conta da não redução -a > -e nas palavras que eram outrora *jamvekt* se manteve, pois havia uma entonação na última sílaba por conta do tonema 2 e também havia uma distribuição de maneira balanceada entre a sílaba da raiz e a final, por isso o termo "balanceado". (TORP & VIKØR, 2000, p. 70). Os dialetos que seguem essa regra, quer dizer, que têm o *kløyvd infinitiv*, são geralmente chamados de *jamvektsmål* "dialetos balanceados" e essa regra é chamada de *jamvektsregel*.

/'kom:o/ (remodelação silábica).

AN *vita* /'vit'a/ > *vætta*, *vatta*, ou *våttå* “saber” (assimilação parcial e total).

A intensidade aumenta gradualmente para o norte e nas regiões como Nord-Østerdalen e Indre Trøndelag, onde se encontra o foco dessa assimilação total (p. 18).

O –a– também podia ser impedido de sofrer a redução quando ele não era final. O antigo nórdico tinha o seguinte modelo de declinação do verbo (infinitivo, presente, pretérito, particípio):

kasta - kastar - kastaði – kastat

Com a redução vocálica, o *kasta* passou a ser *kaste* em alguns dialetos, mas o a das outras formas se manteve. Em outros dialetos não ocorreu essa redução vocálica em e, por isso, eles possuem as formas acima demonstradas em -a.

Outras características definidoras são a sonorização do *p*, *t* e *k* em Sørlandet e em grande parte de Sørvestlandet, a negação nas formas *ikkje*, *itte*, *inte* ou *ikke*, o pronome pessoal em primeira pessoa singular representados como *jeg*, *eg*, *je*, *i*, *jæ*, *aiæi*, *æig* ou de primeira pessoa plural, como *me*, *vi* e *oss* e também a presença ou não do caso dativo.

As línguas escritas oficiais: *bokmål* e *nynorsk*

Trataremos agora sobre as duas línguas oficiais, o *bokmål* e o *nynorsk*. De acordo com o Språkrådet (Conselho do idioma norueguês), de 7 a 15% da população usa o *nynorsk* como língua escrita e o restante usa o *bokmål*; o *nynorsk* é a forma escrita estritamente predominante nos condados como Hordaland, Sogn og Fjordane, Møre og Romsdal, aos passos que os outros condados são neutros (escolhem qualquer uma das duas) ou usam o *bokmål*. Este é estritamente predominante nos condados Østfold, Vestfold e Finnmark. Para mais informações, consulte o Lovdata¹³.

Antes de comentarmos a origem dos dois idiomas oficiais é importante conhecer o momento político em que a Noruega se encontrava. O período

¹³Disponível em: <https://lovdata.no/dokument/SF/forskrift/2007-04-01-378>

"renascimento nacional" se inicia em 1814 e dá o pontapé inicial para a *språkstrid* "guerra de idiomas".

De acordo com Torp & Vikør (2000), em 1814 a Noruega virou um Estado propriamente dito, mas com uma autonomia limitada devido a uma união com a Suécia, que obteve a Noruega da Dinamarca por meio do tratado de Kiel. Nesse ano, a Suécia aceitou a Constituição e o Parlamento da Noruega por meio da Convenção de Moss; posteriormente, mas no mesmo ano, a união entre os reinos separados da Suécia e Noruega foi aprovada pelo parlamento, que duraria até 1905 sob um único rei, mas com constituições e leis separadas. Isso criou um ambiente para uma indagação linguística nacional, uma vez que a Noruega agora era uma nação independente e ainda utilizava o dinamarquês como língua escrita. Os principais pensadores sobre esse tema foram Henrik Wergeland (1808-1845), Peter Andreas Munch (1810-1863), Ivar Aasen (1813-1896), Peter Christen Asbjørnsen (1812-1885), Bjørnstjerne Bjørnson (1832-1903) e Knud Knudsen (1812-1895). Os "tempos modernos" se iniciam em 1907, quando ocorre o primeiro acordo ortográfico na Noruega, embora o *landsmaal* tenha recebido sua primeira escrita oficial em 1901.

Também é importante compreendermos a origem e o significado de cada uma dessas duas formas oficiais para que possamos entender as influências externas em ambas as formas, uma vez que o *bokmål* tem muito mais influência dinamarquesa e o *nynorsk*, por sua vez, trata-se de uma forma muito mais autônoma e livre de tais influências.

Portanto, iremos focar a partir de agora apenas na formação dessas duas formas e na chamada *språkstrid* "guerra de idiomas", que trata das discussões sobre o uso das formas na Noruega a partir do século XIX.

Durante a já citada dominação dinamarquesa (XVI - início XIX), a literatura norueguesa era muito escassa e se baseava apenas em alguns autores que escreviam em dinamarquês, mas que incluíam um certo substrato norueguês dialetal como, por exemplo, os padres humanistas Absalon Pederssøn Beyer (1528-1575) e Peder Claussøn Friis (1545-1614). Segundo Haugen (1972), esse é o período inicial em que começaram a se desenvolver as línguas nacionais oficiais. A língua de aprendizagem ainda era o latim e a do comércio, o baixo-alemão médio; porém, as línguas escandinavas tornaram-se gradualmente línguas administrativas. O sueco, no reino da Suécia e o dinamarquês na Dinamarca e Noruega. A região de Schleswig-Holstein continuava a falar o baixo-alemão (p. 351-352).

Como a presença dinamarquesa era intensa e bem estabelecida, tanto no âmbito político como no religioso, e a Noruega era muito pobre, cujas vilas eram pouco povoadas e distantes uma das outras, era de se esperar que haveria pouca resistência por parte dos noruegueses, ainda mais no quesito da língua, já que o dinamarquês era visto como superior e, ademais, era a língua em que a Bíblia era traduzida. Hognestad (2000) afirma que a Dinamarca obteve sua primeira oficina de impressão em 1482 com o alemão Johan Snell; a Noruega, por sua vez, apenas em 1643 na Christiania (atual Oslo) com os dinamarqueses Tyge Nilssøn e Christen Bang. Esse estabelecimento tardio de uma oficina de impressão na Noruega reflete o desinteresse da população pobre e dominada em reivindicar uma língua nacional.

De 1600 até 1800 os principais representantes noruegueses foram Dorothe Engelbretsdotter, Peter Dass e Ludvig Holberg, num período que abrange o barroco, o classicismo e o iluminismo norueguês. Com a parcial e gradual normatização da língua no reino, os dialetos passaram a ser vistos com maus olhos pelos dinamarqueses. Ao mesmo tempo que a tradição de escrita norueguesa morre, encontra-se pela primeira vez gêneros que têm como base os dialetos como, por exemplo, as canções folclóricas e populares. É o período também em que são criados glossários por funcionários públicos para que eles conseguissem compreender os dialetos noruegueses ou palavras antigas (p. 67). Segundo Torp e Vikør (2000), em todo esse período não havia nenhuma contestação e questionamento sobre a língua norueguesa, embora houvesse alguns *norvegisme* "norueguismos" em obras entre a metade do século XV e XIX. De acordo com Hoel, (1996) por volta de 1800 havia no mínimo quatro expressões linguísticas na Noruega (p. 29):

- 1) Dinamarquês: ou seja, língua da alta classe de Copenhagen, falada por dinamarqueses na Noruega
- 2) *Høgtidsmålet* "língua solene": pronúncia com base na escrita, (pronúncia de leitura) que os noruegueses tinham da língua escrita dinamarquesa. Era utilizada em eventos oficiais e formais, principalmente por padres, funcionários públicos e nas escolas
- 3) *Den dana daglegtala* "a fala culta do dia-a-dia": quer dizer, uma língua misturada chamada de dano-norueguesa com uma boa parte de inserção de elementos nativos e que a partir do século XVII foi a língua materna de parte da elite norueguesa

4) Dialetos: falares das aldeias utilizados pela grande parte da população e que se desenvolveu do antigo nórdico sem influência do dinamarquês

Torp & Vikør (2000) também fazem uma classificação, mas consideram apenas o falar dos nascidos na Noruega e diferencia a parte dialetal em *folkeleg bymål* "dialetos populares de cidades", ou seja, dos artesãos e operários e *bygdedialektane* "dialetos das aldeias", dos pescadores e camponeses (p. 127).

Trataremos a seguir dos acontecimentos após 1814 e podemos colocar tais eventos como importantes para o período de formação das duas formas escritas, com base em Torp & Vikør (2000, 313-316):

- 1814: Noruega independente e união com a Suécia
- de 1814 até 1858: foram publicadas inúmeras obras que defendiam a vertente que futuramente seria o *bokmål* e aquela que seria o *nynorsk*.
- 1862: ocorre a primeira reforma oficial na Noruega, em resumo, apenas convenções gráficas.
- 1869: ocorre o encontro escandinavo em Estocolmo e algumas medidas em comum foram adotadas.
- 1878: o Odelstinget aceita que a aula oral na *barneskole* (escola da primeira até a sétima série) poderia ocorrer no "próprio dialeto das crianças".
- 1884: o Parlamentarismo é inserido na Noruega
- 1885: o Stortinget aceitou a igualdade das duas línguas escritas.
- 1887: o *Kirke- og undervisningsdepartement* "Departamento da Igreja e do Ensino" determina que a *dannede dagligtale* "falar culto do dia-a-dia" seja a norma para a pronúncia de leitura na escola.
- 1892: o Stortinget regulamenta por lei o direito de utilizar o *landsmål* como língua de aprendizagem nas escolas (*Folkeskole*), após determinação da diretoria de cada escola.
- 1893: o departamento dá o direito às crianças de utilizar as formas norueguêsas no dano-norueguês que estão impressas no livro de leitura de Nordahl Rolfsen, pedagogo norueguês.
- 1901: o *landsmål* (futuro *nynorsk*) obtém sua primeira escrita oficial com base na noma de Hægstad (com a norma de *midland* como variante secundária).
- 1902: palavras como *hovudmål* "língua principal" e *sidemål* "variante

secundária" são inseridas no linguajar das escolas.

- 1905: a união com a Suécia é dissolvida.
- 1906: a *Norigs Maalag*¹⁴ "organização linguística da Noruega" foi criada.
- 1907: a língua escrita dano-norueguesa recebe uma nova reforma ortográfica, que representa a principal quebra com o dinamarquês como base de norma (e a partir daqui começa a ser mais chamada de *riksmål*) e a redação em variante secundária é introduzida no ginásio. O *Riskmaalforbundet*¹⁵ "aliança do Riksmaal" é criado.
- 1910: o *landsmål* recebe uma outra reforma.
- 1917: ocorrem reformas tanto no *riksmål* quanto no *landsmål*.
- 1919: o Stortinget aceita a proposta de que as duas formas escritas deveriam se chamar *bokmål* e *nynorsk*.

A partir do período de união com a Suécia em 1814 começaram as reflexões sobre o fato da Noruega não possuir uma língua própria. Segundo Vikør e Torp (2000), nos primeiros anos após essa união o sueco era visto como a principal ameaça contra uma independência linguística norueguesa. Uma proposta contra essa ameaça era manter o dinamarquês tão puro quanto possível sem influências suecas, mas gradualmente percebeu-se que a Suécia não tentaria influenciar o uso da língua e o medo de uma possível pressão parou de existir. Na verdade, a grande disparidade entre o dinamarquês e os dialetos falados pela maioria da população foi vista como um problema nacional apenas a partir de 1830. Henrik Wergeland (1808-45) foi o primeiro que tomou ciência sobre isso e, portanto, desejava colocar palavras e formas norueguesas na língua escrita de maneira gradual para torná-la verdadeiramente norueguesa, ou seja, fazia parte da tendência moderada conhecida como *fornorsking* "ato de norueguizar" (p. 119-120). Em seu artigo *Om norsk Sprogreformation* (1832) "sobre a reforma linguística norueguesa" ele afirma (AMUNDSEN; SEIP, 1959, p. 296):

men nu er det virkeligheden af et selvstændigt Skritsprog, som fremæsker

¹⁴Organização que tem o intuito de promover o *landsmaal* (*nynorsk*)

¹⁵É uma organização que tinha o intuito de apoiar a posição do *riksmål* como *língua escrita oficial*. De início era esse o propósito principal, hoje em dia eles também apoiam a posição do *riksmål* e do *bokmål* moderado (forma mais conservadora do *bokmål*)

Norges Aander

"mas agora deve-se tornar realidade uma língua escrita autônoma, que encoraje o espírito da Noruega" (trad. nossa)

O contraponto de Wergeland era Peter Andreas Munch (1810-1863), que apoiava que a língua era uma totalidade dependente que não poderia mudar sua nacionalidade apenas com a inserção de palavras e formas de uma outra língua. Ele refutou o *fornorsking* e sugeriu que elaborassem uma nova língua escrita com base em um dialeto norueguês que o normatizasse sob princípios etimológicos (TORP & VIKØR, 2000, p. 120), que daria início à ideia do *målreising* "edificação da língua".

Em seu artigo *Norsk Sprogreformation* de 1832 ele afirma (STORM, G. 1873, p. 25):

Vi raade Sprogreformatorerne (...); de kunne da fornuftigere og mere konseqvent anvende deres Liebhaberi til at bringe en af vore reneste Almuedialekter i en ordentlig Form sammenholdt med vort Oldsprog, istedetfor som nu skjændigen at forhuttle og sammenjaske vore Dialekter i vild Uorden.

"Nós aconselhamos aos reformadores (...); eles poderiam então dar sensatez e utilizar de maneira mais consequente a afeição deles em organizar um de nossos dialetos camponeses mais puros de maneira ordenada confrontada com nossa antiga língua, ao invés do que acontece agora, que miseravelmente balbuciamos nossos dialetos em uma desorganização selvagem". (tradução nossa)

Todo o trabalho de Munch era baseado na visão básica de que a Noruega tinha mil anos e que era necessário, para obter um futuro nacional, criar um vínculo comunicativo com a longínqua Idade Média em que o país era autônomo. Ele defendia que a antiga língua nórdica, que se afunilou em grande parte nos registros islandeses e noruegueses, deveria ser conhecida pelos pesquisadores dinamarqueses como *oldnorsk* "antigo norueguês" e não *oldnordisk* "antigo nórdico" (TORP & VIKØR, 2000, p. 143).

Os seguidores dessas duas vertentes obtiveram resultados mais decisivos do

que os idealizadores. Como principal nome da tendência radical *målreising* está Ivar Aasen (1813-1896), que foi o fundador do que levou à formação de uma das línguas oficiais atualmente na Noruega, o *nynorsk*. Ele compreendeu que os dialetos, principalmente por meio do estudo de seu dialeto nativo, o *sunnmørsmål* do município de Sunnmøre no condado de Møre og Romsdal, representavam um norueguês comum que se diferenciava sistematicamente das outras línguas escandinavas. Inspirado pelos ideais românticos que dominaram o país nesse período, empenhou-se em coletar os dialetos do oeste da Noruega e formular uma língua nacional (TORP & VIKØR, 1993, pg. 147).

O anseio de Aasen está muito bem demonstrado no artigo *Om vort skriftsprog* (1836) "sobre nossa língua escrita":

(...) dersom Norge gjennem disse Sekler havde hævdet sin politiske Selvstændighed, da skulde vort Hovedsprog ogsaa været Almuens¹⁶

(...) "se a Noruega durante esses séculos tivesse conquistado sua autonomia política, nossa língua principal poderia ser da gente comum" (trad. nossa).

A partir de seus trabalhos, surgiu o termo *Landsmaal* "língua do país" ou "língua da terra" que foi primeiramente registrado em uma carta de 2 de outubro de 1849¹⁷. Em seu livro *Prøver af Landsmaalet i Norge* (1853) "Testemunhos da língua do país/da terra na Noruega", ele coleta 20 testemunhos dialetais com o objetivo de unificar os dialetos. Em um adendo aos dialetos registrados, Aasen propõe uma forma de escrita que é uma tentativa de formar uma língua comum norueguesa ou de unificar os falares camponeses em uma construção formal gramaticalmente unificada; portanto, ele queria fundar um *landsmål* comum para todos os dialetos (AASEN, 1853, p. 72). No entanto, as normas desse construto só foram publicadas em sua gramática (*Norsk Grammatik*, 1864) e dicionário (*Norsk Ordbog*, 1873).

Algumas características da norma de Aasen são:

¹⁶ Disponível em http://www.aasentunet.no/1836+Om+vort+Skriftsprog.b7C_wJnW5O.ips (último acesso em 12 de agosto de 2015)

¹⁷ Disponível em http://www.aasentunet.no/iaa/no/ivar_aasen/brev_og_dagboker/brev_1828-1896/1846-1850/120+Olaus+Vullum%2C+2.10.1849.b7C_xdzI3N.ips (último acesso em 3 de agosto de 2015)

Características ortográficas e gráficas (sem consequências para a pronúncia):

- escrita gótica;
- substantivos com a primeira letra maiúscula;
- *aæm* vez de *å*;
- *hj* quando havia na língua dinamarquesa e no antigo nórdico: *Hjarta* “coração”, *hjelpa* “ajudar”;
- *gj, kj* e *skj* antes de *e, æ* e *ø*: *gjera, kjær,*

Fonéticas:

- *kv* correspondente à escrita dinamarquesa e ao nórdico *hv*: *kval* “baleia”, *kvit* “branco”;
- *mn* correspondente à escrita dinamarquesa e ao nórdico, *fn*: *namn* “nome”;
- *rn* correspondente à escrita dinamarquesa e ao nórdico: *barn* “criança”;

Morfológicas:

- três gêneros (com três paradigmas no masculino e feminino) e um no neutro.
- dativo plural em *-om*;
- infinitivo do verbo terminando em *-a*;
- presente com *-r* nos verbos fracos (*kastar* “jogar”), mas ausente nos fortes (*/es* “ler”, *skriv* “escrever”);
- pretérito em *-ade, -de, -te* e *-dde* em verbos fracos

Um dos seguidores de Aasen foi Arne Garborg, que em 1877 apareceu como um ideólogo da língua com o livro *Den nynorske Språk- og Nationalitets-bevægelse* “o movimento nacional e linguístico do novo norueguês”, cujo conteúdo suportava que o *landsmål* era a única expressão linguística adaptada à nacionalidade norueguesa e no mesmo ano ele criou o jornal *Fedraheimen*, que era a principal mídia de apoio ao *målrørsla* “movimento da língua” durante um pouco mais de uma longa década de discussão (de 1877 até 1891). *Målrørsla* é conhecido como o movimento que pleiteava elevar a escrita do *nynorsk* à sua total utilização e com todos os direitos.

Segundo Torp & Vikør (1993, p. 122) as bases ideológicas para a vertente moderada *fornorsking* foram realizadas por Knud Knudsen (1812-1895). De acordo com os autores, Knudsen era um ortofonista. De início, ele tratou da forma de escrever

de algumas palavras com vogais dobradas como, por exemplo, *deels* "em parte", *Priis* "prêmio" e o e mudo após vogal longa. Com relação aos dialetos, de acordo os autores, Knudsen não suportava a utilização dos dialetos como base para uma língua escrita porque eram limitados geograficamente e socialmente; por outro lado, o melhor caminho seria representar na escrita a pronúncia do dia a dia que a alta classe norueguesa realizava da língua escrita dinamarquesa, e isso era o que Knudsen entendia por *landsdyldige daglegtalen* "falar do dia-a-dia válido para todo o país"; portanto, queria aos poucos segregar as características comuns dinamarquesas na escrita e substituir pelas características comuns norueguesas.

Em 1850 Knudsen concentrou-se em dar prestígio ao *dannede dagligtale* "falar culto do dia a dia" para lutar pela ideia de que as características norueguesas nessa pronúncia eram reconhecidas na língua do teatro, que era a forma de falar com maior prestígio naquele período. De início, com relação ao "escrever correto", ele se contentou em lutar pelas reformas que não tocavam na diferença entre a pronúncia "solene" (*høgtid*) e do "dia a dia" (*dagleg*), por exemplo, as palavras estrangeiras eram escritas mais de acordo com a pronúncia (p. 122).

Por conta disso, de acordo com Torp & Vikør (2000) iniciou-se um debate sobre o modo de escrever, que não refletia a pronúncia do período, e uma solução foi dada em 1862, que representou a primeira reforma oficial norueguesa, mas não era senão algumas mudanças em convenções gráficas (p. 186):

- supressão do e mudo
- fim das vogais duplas: *ee* > *e*; *i i* > *i* e *uu* > *u* como indicação de alongamento vocálico
- supressão de *c*, *ch* e *q* como representação do som [k], que passa a ser escrito apenas como *k*
- supressão de *ph* como representação do som [f], que passa a ser escrito apenas como *f*

Os atores afirmam que isso ocorreu por conta da agitação criada por Knudsen; entretanto, com relação ao que já foi comentado acima, já a partir de 1844 ele indicava que o falar do *høgtid* "solene" não era o falar natural de nenhum norueguês e que ao invés disso, eles deveriam tomar como ponto de partida o chamado *den almindeligste Udtale af Ordene i de Dannedes Mund* "a pronúncia mais corriqueira de palavras no

linguajar culto" e a partir daí começou a questionar as consoantes sonoras *p*, *t*, *k* e o encurtamento de formas como *bede* "rezar, pedir" e *fader* "pai" para *be* e *far*, pontos que veremos a seguir.

Knudsen foi muito ativo nas questões linguística na década de 1850; mas se preocupava mais com a pronúncia; ele também foi consultor linguista do *Det Norske Theater* (Teatro Norueguês). Nessa época, o pessoal do teatro era formado em sua maioria por atores dinamarqueses porque a pronúncia norueguesa era vista como inaceitável nas apresentações. O objetivo do *Det Norske Theater* era tirar a hegemonia dos dinamarqueses e estabelecer tanto a profissão de ator para os noruegueses como uma dramaturgia norueguesa. Knudsen, portanto, se esforçou para fazer com que as consoantes *p*, *t*, *k* e outras características tornassem vistas como uma pronúncia normal. Além do mais, começou a influenciar os dramaturgos Henrik Ibsen e Bjørnstjerne Bjørnson para a "norueguização" da língua escrita (TORP & VIKØR, 2000, p. 186-187).

Em 1869 outras mudanças ortográficas ocorreram por conta de um encontro escandinavístico em Estocolmo com o objetivo de propor uma aproximação entre a escrita dinamarquesa e sueca e entre os enviados noruegueses estavam Knudsen e Ibsen. Tal encontro propôs muitas modificações ortográficas nos três países. As mais importantes com relação ao dinamarquês foram essas:

- 1) supressão do *j* antes de *e*, *æ* e *œ*: *kjende* > *kende* "conhecer, saber";
skjære > *skære* "cortar"; *gjøre* > *gøre* "fazer"
- 2) supressão do *d* antes de *s*: *krands* > *krans* "coroa" e *tydsk* > *tysk* "alemão"
- 3) *ai* > *aj*, *ei* > *ej* e *øi* > *øj*
- 4) *aa* > *å*
- 5) substantivos em letra minúscula
- 6) *e* > *æ* onde há motivos fonéticos ou etimológicos como base para isso
- 7) *o* > *å* onde há motivos fonéticos ou etimológicos como base para isso

De acordo com Torp & Vikør (2000, p. 187), Knusen apoiou toda sua vida para a realização dessas modificações, mas sem êxito. Os pontos 2, 4 e 5 ocorreram apenas após a sua morte e os outros não foram realizados no norueguês até hoje, mas sim no dinamarquês, com exceção do ponto 7.

Em 1876 foi publicada a obra de Knusen chamada de *den landsgyldige norske*

uttale "pronúncias norueguesas válidas para o país", cujo conteúdo abordava que a pronúncia *landsgyldig* "válida para o país" era uniforme e não "acatada", pois as diferenças entre a pronúncia "culto" na Kristiania (atual Oslo), Bergen, Trondheim e Tromsø eram tão pequenas que não se poderia falar de diferenças dialetais, mas apenas de acentuação. Portanto, o argumento de Knudsen para apostar nessa pronúncia e não diretamente na *Folkespraag* "língua do povo" era prático: se tiver que construir uma língua com base na língua do povo, teria que favorecer uma pronúncia local ou construir uma língua que não existe em nenhum local, e foi isso que Aasen realizou.

Knudsen também apoiava o futuro aprimoramento dessa possível língua escrita de acordo com a necessidade popular, algo que ocorreria gradualmente. Era o *caminho* para chegar a uma língua escrita norueguesa que ele discordava, mas não o *objetivo*. Em frente aos conservadores ele sublinhou que para que essa "marcha" do *landmål* pudesse parar, a característica dinamarquesa deveria ser removida do *Bogmaal* (TORP & VIKØR, 2000, p. 189).

Como apresentado anteriormente, essa língua escrita até 1892 era conhecida de várias maneiras: *Bogmaal* "língua do livro", *Skriftsprog* "língua escrita", *Bogsprog* "língua do livro" e *det skrevne Sprog* "a língua escrita", ou seja, era o falar da classe culta norueguesa, o dano-norueguês, ou *den dana daglegtala*. A difusão de um nome para ela se iniciou em uma conferência realizada pelo poeta e dramaturgo Bjørnstjerne Bjørnson (1832-1910) em 1899, que a nomeou de *rigsmaal* "língua do reino", que era a "língua da cultura" (HAUGEN, 1968, p. 37). Esse termo era conhecido na academia norueguesa e dinamarquesa como uma variante da palavra *rigssprog* "língua do reino". É um decalque do alemão *Reichssprache*, uma denominação para o alto alemão padrão na forma escrita. Quando esse termo foi inserido ela apenas significa "língua comum livre de marcas dialetais" (HAUGEN, 1968, p. 38).

Torp & Vikør (2000, p. 197) citam as algumas das propostas de Knudsen para diferenciar a língua escrita norueguesa do dinamarquês. Grande parte delas é modificação ortográficas:

- 1) utilização das consoantes surdas *p*, *t*, *k* em vez de *b*, *d*, *g*
- 2) supressão de *d* após *l* e *n*: *falle* "cair" ao invés de *falde*; *finne* "encontrar" em vez de *finde*
- 3) supressão do *d* e *t* antes de *s*: *besk* "amargo" ao invés de *bedsk*; *Pels* em

vez de *Pelts*

- 4) supressão de *j* antes de *e*, *æ* e *ø*. *skje* > *ske* "ocorrer"; *kjær* > *kær* "querido"
- 5) supressão do *e* mudo no passado: *nådde* "graça, clemência" em vez de *nåede*
- 6) *fødde* e *bredde* "nasceu, extendeu" em vez de *føgte* e *bredte*
- 7) troca *g* por *v* em palavras como *Have* > *Hage* "jardim"; *Skov* > *Skog* "floresta"; *Torv* > *Torg* "praça"
- 8) encurtamento de alguns verbos: *drage* > *dra* "puxar"; *bede* > *be* "pedir"; *tage* > *ta* "tomar"
- 9) "norueguização" de algumas palavras: *kold* > *kald* "frio"; *Sne* > *Snø* "neve"; *råbe* > *rope* "gritar, chamar alg."
- 10) inserção da declinação de plural norueguesa do feminino e neutro: *Heste* > *Hester* "cavalos" e *Huse* > *Hus* "casas"
- 11) supressão da pronúncia do *-t* em palavras neutras como *Huset* "a casa" e em formas do particípio como *prungt* "saltado"
- 12) remoção de alguns afixos alemães como: *an-*, *be-*, *bi-*, *er-*, *for-*, *ge-*, *-het*, *-agtig*, *-bar*, *-inde*, etc.
- 13) inserção dos ditongos *au*, *ej*, *øy*
- 14) introdução do *a* em diferentes terminações de flexão, tanto no substantivo (formas de plural como *Fantar* "ambulantes"), adjetivo comparativo e superlativo (*kortare* – *kortast* "mais curto – "o mais curto") e verbos (*elskar* – *elska* "amar")
- 15) realização do feminino como categoria gramatical

Essas formulações estão no livro *Hjem skal finne?* (1886) "quem irá ganhar" de Knudsen. De acordo com Torp & Vikør, as primeiras doze propostas eram entendidas por ele como para a "política atual" e as três últimas eram objetivos mais distantes que eventualmente poderiam ser discutidas no futuro. Para os autores, as propostas mais radicais são a 13, 14 e 15. Os pontos 3 e 4 já reconhecemos do citado encontro em Estocolmo em 1869. Ele fez muita propaganda para a realização da utilização do *ej* e *øy* ao invés de *ei* e *øi* e também de *æ* ao invés de *e* e *å* ao invés de *o*, mas para isso não encontrou apoio (p. 197-198).

Assim como Aasen, ele foi muito ativo e publicou muitos livros, revistas,

panfletos e artigos. Todas essas publicações tratavam da questão da língua e aos poucos se juntaram como um núcleo referente à questão da "escrita correta", ou seja, da base da escrita correta na transição do dinamarquês para o norueguês. Entre 1880 e 1890 suas ideias vieram rapidamente para esse debate, em paralelo com a rapidez com que o *landsmål* também veio para participar, juntamente com o estabelecimento das escolas e da aprendizagem de escrita e leitura.

Torp & Vikør (2000, p. 201) dividem o uso da língua nesse período em três esferas: literatura, escola e geral (privado e público). As formas com consoantes *p*, *t*, *k* e o encurtamento de verbos apareciam na literatura e parcialmente na imprensa, mas em pequeno grau e mais como um símbolo visível de orientação para o partido da esquerda (*Venstre*). Os autores também afirmam que com relação à literatura, havia apenas um mercado de livros compartilhado pela Noruega e Dinamarca e atores consagrados como Bjørnson, o mais obstinado e que mais utilizava características do norueguês; Ibsen, Kielland, Lie, Amalie Skram, etc. tinham que publicar seus livros por meio de uma editora dinamarquesa conhecida como Gyldendal e por conta disso, eles tinham que muitas vezes pedir permissão para usar algumas características do norueguês para o diretor da editora na época, Niels Hegel. Portanto, esse é um dos motivos pelo qual não se desenvolveu uma língua literária dano-norueguesa com base na acepção de Knudsen.

Na escola também era a escrita tradicional que dominava, mas em 1878 uma medida do Odelsting determinou que as aulas deveriam ocorrer no próprio dialeto das crianças, problema da leitura, por outro lado, ainda não havia sido resolvido. Em 1885, o parlamento, Stortinget, mostrou um claro suporte à linha de "norueguização" de Knudsen no processo chamado de *likestillingsvedtak* "medida de igualdade" (ao *landsmål*) e em 1887 determinou-se que as crianças deveriam se sujeitar ao "falar culto do dia a dia" e dar preferência à pronúncia norueguesa onde fosse possível, ou seja poderia pronunciar as consoantes *p*, *t*, *k* onde houvesse *b*, *d*, *g* e também encurtar palavras que possibilitavam isso. Por exemplo:

Escrita: *han lader fem være lige og bryder sig ikke om at broderen raaber og leder efter ham*

Leitura: *han lar fem være like og bryr seg ikke om at broren roper og leter etter ham*

Tal medida agradou a alguns, mas não às crianças das aldeias, pois elas tinham aula em dialeto e, quando tinham que ler alto, se deparavam com um texto basicamente escrito em dinamarquês que tinha que ser pronunciado em uma forma norueguesa que eles não conheciam. Em 1892 o pedagogo Nordahl Rolfsen publicou o primeiro volume de seu livro de leitura para as escolas (*Læsebog for folkeskolen*), cuja escrita, que tinha algumas variações entre *p/b*, *t/d*, *k/g* e também encurtamentos como *bror*, *far*, *mor* (de *broder*, *fader* e *moder*) "irmão, pai, mãe", foi aceita pelo consultor linguístico da época, Moltke Moe (TORP & VIKØR, 2000, p. 203; SKARD, 1979, p. 47). A partir daí, os alunos poderiam ler uma forma norueguesa que estava de acordo com a pronúncia deles, mas eles não podiam escrever tais formas, mas isso mudou em 1893 quando o Departamento da Igreja e do Ensino, em um comitê formado por Aars, Hofgaard e Moe, formulou uma proposta que causou a liberação da utilização pelos alunos das formas contidas no livro de Rolfsen. E por conta disso fez-se necessária uma reforma oficial nesse *bogsmaal*.

A partir desse período até 1907 o principal porta-voz para tais reformas foi o já citado consultor linguístico Moltke Moe (1859-1913), filho do folclorista Jørgen Moe dos contos de Asbjørnsen og Moe. Ele encontrou muitos opositores, principalmente Johan Storm, que era o principal defensor do conservadorismo; portanto, Knudsen se encontrava entre Aasen e Storm (TORP & VIKØR, 2000, p. 194).

Em 1907 ocorreu o marco definitivo para que a língua escrita até agora conhecida como *riksmål* fosse uma língua escrita "norueguesa" que deveria ser normatizada com base no falar "norueguês", a saber, o falar culto nas cidades. Os autores também afirmam que era difícil para os falantes saber quais modificações que *deveriam* ou que *poderiam* ser realizadas, ou seja, o conceito de *liberdade de escolha* foi pela primeira vez instituído (p. 123)

Torp & Vikør (2000, p. 123) consideram que a reforma de 1907 (apenas no *bokmål*) foi consolidada rapidamente, uma vez que estava de acordo com o falar comum do dia a dia das classes cultas e, por tanto, não foi estigmatizado socialmente. Apenas representou um ajuste no uso da fala culta. Além do mais, os debates nos anos anteriores à reforma, junto com o *pathos* nacional após o dissolvimento da união com a Suécia em 1905, fizeram com que muitos vissem essa reforma nacional de maneira positiva. Em 1910 quase toda a imprensa norueguesa usava essa nova forma de escrita, apenas os jornais conservadores *Aftenposten* e *Bergens Aftenblad* mantiveram a posição até 1923 (TORP & VIKØR, 2000, p. 240-242).

Vejamos as mudanças:

Ortográficas:

- 1) Inserção de consoantes para evitar homonímia (*buk* > *bukk* “cervo”; *bal* > *ball* “baile”)

Fonológicas:

- 1) Ensurdecimento *b*, *d*, *g* > *p*, *t*, *k*. Após vogais longas, mas com exceções como, por exemplo, palavras compostas. Apenas na reforma de 1917 todas as palavras foram afetadas.

Obrigatório: *dræbe* > *dræpe* “matar”; *aaaben* > *aaben* “abrir”; *vide* > *vite* “saber; *kage* > *kake* “bolo”;

Obrigatório manter: *skib* “navio”, *vaaben* “arma”, *arm* “braço”, *saglig* “adj. objetivo”, *aabenbar* “evidente”, *videnskap* “conhecimento”;

Optativo: *eple/æble* “maça”, *bot/bod* “multa”, *klok/klog* “inteligente”, *bok/bog* “livro”.

Morfológicas:

- 1) Plural em *-er* (<-e)

Obrigatório: na forma indeterminada do gênero comum; *heste* > *hester* “cavalos”

Optativo: em algumas palavras como *dage/dager* “dias”

- 2) Plural sem a terminação do gênero neutro na forma indeterminada

Obrigatório: *huse* > *hus* “casas”

Optativo: em algumas palavras como *blad/blade* “folhas”

- 3) Passado e particípio de verbos fracos como no dinamarquês *-ede* dividido em três classes:

Pass.-et e part. -et (*kastede* > *kastet*; *fiskede* > *fisket* “jogar; pesar”)
(tanto no pass. quanto no pret.)

Pass. -tel e part. -t (*svarede* > *svarte* e *svaret* > *svart* “responder”)

Pass. -(d)del e part. (d)d (*boede* > *bodde* e *boet* > *bodd*; *levede* > *levde* e *levet* > *levd* “morar, viver”)

4) Supressão da forma do neutro em -t nos adjetivos terminados em -ig:

et heldigt barn > *et heldig barn*; *et ærligt menneske* > *et ærlig
menneske* “uma criança sortuda”; “um homem honrado”

5) Encurtamento de verbos e substantivos:

Optativo: *drage* ≈¹⁸ *dra*; *have* ≈ *ha*; *blive* ≈ *bli*; *tage* ≈ *ta* (inf.); *sagde* ≈ *sa* (pass.); *fader* ≈ *far*; *moder* ≈ *mor*; *broder* ≈ *bror*

Obrigatório: *i fjæder* > *i fjær*, *foder* > *fôr*

Com relação ao *landsmål*, no ano de 1884, a esquerda conseguiu romper com a imposição do parlamentarismo e construiu um governo de mesma direção política com Johan Sverdrup, primeiro-ministro e reconhecido como fundador do parlamentarismo norueguês. Isso levou ao já citado suporte às ideias de Knudsen, mas também determinou em 12 de maio de 1885 que a língua popular (*Folksprog*) se igualasse à "nossa ordinária língua de livro e de escrita" (*vort almindelige Skrift- og Bogsprog*); no processo "medida de igualdade", citado anteriormente. Segundo Torp & Vikør (2000), essa medida é vista como o reconhecimento formal da *landsmål* como língua oficial ao lado da língua de livro e de escrita (p. 170).

É curioso perceber que a declaração do parlamento compara o *landsmål* com uma *skrift- og bogsprog*, ou seja, uma "descrição de língua", a língua de livro e de escrita, uma língua ainda anônima. De acordo com Torp & Vikør (2000, p. 170), em 1892 o *landsmaal* conquistou mais uma vitória, pois foi determinado pelo parlamento que os diretores das escolas tinham o direito de decidir qual das duas formas utilizariam. Em 1915 foi determinado e estabelecido por lei o sistema de votação, que permanece até hoje, sobre a língua da escola.

A primeira reforma ortográfica oficial do *landsmål* ocorreu em 1901, que

¹⁸ De acordo com os símbolos do NEHiLP. Se x ≈ y, isso quer dizer que y é variante de x.

recebeu duas normas, autorizadas pelo Departamento da Igreja e do Ensino (TORP & VIKØR, 2000, p. 122). Os principais representantes foram Arne Garborg, Rasmus Flo e Marius Hægstad, divididos em dois grupos: Garborg e Flo elaboraram a norma de *midland* (junto com Steinar Schjøtt e Hans Ross), que era baseada no dialeto de Telemark utilizada por Steinar Schjøtt na tradução da obra em antigo nórdico *Heimskringla* (saga dos reis noruegueses). Hægstad, por sua vez, desejava realizar uma edição modificada da norma de Aasen. O Departamento decidiu autorizar a norma de Hægstad para uso escolar em 1901 e a norma de *midland* como variante secundária.

Norma de *midland* (FLO, 1906, p. 10-12):

- baseada no dialeto de Vesttelemark;
- *kløyvd infinitiv* "infinitivo rachado";
- *kløyvd svake honkjønn* "substantivo feminino rachado": *ei kiste - kista* "caixão, cofre" (palavra *overvekt*) e *sogu - sogo* "causo, narração" (palavra *jamvekt*);
- *i* e *u* em vez de *e* e *o* nas determinações de flexões de feminino plural (indeterminado e determinado): *kvister* – *kvistene* >*kvistir - kvistine* "galhos" e *kistor* – *kistone* >*kistur - kistune* "caixão, cofre";
- formas adjetivas como *opin* "aberto" (p. 12) e de particípio como *funni* "encontrado";
- formas de passado como *kasta* (em vez de *kastade*) "jogou";

De acordo com Torp & Vikør, o *-t* mudo na forma neutra definida não é grafado como, por exemplo, *produkte* "o produto" e *eple* "a maçã" e há formas participais como *gjengin* "ido" (do verbo *gaa*); além do mais, uma forma especialmente inspirada no dialeto de Telemark é a utilização da vogal *a* no plural de antigas raízes consonantais: *fötar* "pés" e *hendar* "mãos" em vez das outras formas do *landsmaalføter* e *hender* (p. 176).

Norma de Hægstad:

- forma de passado dos verbos fracos *kasta*, em vez de *kastade* "jogou"

(HÆGSTAD, 1901, p. 37).

- supressão do -t das formas de particípio dos verbos fortes, então, *funne*, *broste* (p. 31). Na norma de Aasen seria *funnet* e *brostet* e de midland, *funni* e *brosti* “encontrado” e “rachado”.
- forma neutra de adjetivos terminados em -n como *opet* ficam *ope* (p. 21);
- substantivos neutros terminados em vogais, na forma determinada como, por exemplo, *augat* “o olho”, perdem o -t, *auga* (p. 18), assim como o pronome *nokon* “alguém” “alguém”, que no neutro seria *nokot*, mas na norma fica *noko* “algo” (p. 26).
- formas do feminino plural (indeterminado e determinado) são: *skaaler* e *skaalerne* “tigelas, as tigelas”; e *visor* e *visorne* “canções, as canções” (p. 16 e 17).
- não há *kløyvd infinitiv*, os verbos no infinitivo terminam apenas em -a (p. 34)

Apenas em 1910 ocorreu a liberação da escrita do *landsmaal* (norma do Hægstad) para os alunos (TORP & VIKØR, p. 242). Foram permitidas as seguintes formas:

- utilização da forma indeterminada em -e permitida para substantivos femininos fracos: *ei vise/ei visa*
- utilização dos verbos com infinitivo em -ere permitida na declinação em e (*studerer/studerar; studerte/studera*)
- Forma determinada de substantivos femininos e masculinos plurais poderia ser escrita sem a grafia do -r-: *hestarne* > *hestane*; *skålene* > *skålene*; *visone* > *visorne*.
- cerca de 35 palavras poderiam receber um -y- em vez de -ju-/jo- (*brjota* > *bryta*; *bljug* > *blyg*; *krjupa* > *krypa*; *ljon* > *lyn*)

Não traremos dos acontecimentos posteriores, porém, alguns pontos merecem nossa consideração: na reforma ortográfica de 1917, o sufixo *-tion* passou a ser escrito como *-sjon* por conta da "norueguização" de palavras importadas e em 1929 o Stortinget determinou que as duas formas escritas deveriam chamar *bokmål* e *nynorsk*.

Nas décadas seguintes também foram refletidas políticas de escrita como, por exemplo, o *samnorsk*, que durou de 1917 até 1966 e que tinha como objetivo elaborar uma forma comum para o *bokmål* e o *nynorsk*. Na reforma de 1938, que afetou ambas as normas, foram impostas formas e também sugeridas estas como variantes no *bokmål* para que se aproximasse do *nynorsk*: utilização do plural de verbos neutros em -a em algumas palavras e optativo em todas as outras que terminassem em consoante.

A partir de 1917 a diferença entre *hovedformer* "formas principais" e *sideformer* "variantes" foi inserida na ortografia norueguesa. As formas principais eram obrigatórias em livros didáticos para o ensino fundamental e ginásio; as variantes, por sua vez poderiam ser utilizadas pelos alunos (Språkråd, 2012, p. 3)¹⁹.

A forma do *bokmål* mais aproximada do *nynorsk* é conhecida como *radikalt bokmål* e aquela mais aproximada do *riksmål*, como *moderat bokmål*²⁰. Também uma outra forma variante de *nynorsk* foi desenvolvida, conhecida como *høgnorsk* (alto norueguês). Ela rejeita a maioria das reformas oficiais realizadas para aproximar as duas formas escritas, como as de 1917 e 1938. O *høgnorsk* trocou, por exemplo, o sufixo que marca a determinação dos substantivos femininos fortes -i por -a, ou seja, o -i ficou como variante; portanto, *boka* "o livro" e *boki*, como variante.

Por fim, após outras reformas, em 2012 a diferença entre *hovudform* e *sideform* no *nynorsk* foi abolida e a partir dessa data só pode escrever, como um entre vários exemplos, *boka* "o livro". O mesmo processo de abolição ocorreu na reforma do *bokmål* em 2005. Se, por um lado, ela trouxe formas da *sideform* para a *hovudform*, pois agora se pode escolher entre -en (*moderat bokmål*) ou -a (*radikalt bokmål*) como sufixo que marca a determinação dos substantivos femininos fortes (*boka/boken*), por outro, baniu formas da *sideform* como: *kløyvd infinitiv*, alguns tipos de substantivos que no plural na forma indeterminada poderiam ser escritos como *lærerer* "professores", agora só podem ser escritos como *lærere*, entre muitos outros no âmbito da morfologia, fonética e grafia²¹. Muitos entendem o *moderat bokmål* como *riksmål* hoje em dia, tanto que há a já citada organização Riksmaalsforbundet, que tem o objetivo de defender a posição dessa forma de escrita na vida social norueguesa:

¹⁹<http://www.sprakradet.no/globalassets/vi-og-vart/publikasjoner/ny-nynorskrettskriving.pdf>

²⁰http://www.sprakradet.no/Vi-og-vart/Publikasjoner/Spraaknytt/Arkivet/Spraaknytt_1997/Spraaknytt_1997_1/Hvordan_ser_bokmalet_ut/

²¹<http://www.sprakradet.no/globalassets/spraka-vare/norsk/rettskriving2005.pdf>

como língua escrita oficial, como língua de cultura e como língua comum falada em momentos que há a necessidade de uma comunicação entre membros de vários locais do país²².

Com base nessa análise podemos inserir um ponto de partida para aquilo que consideramos a língua norueguesa. A princípio, aceitaremos como "norueguês" os textos em *nynorsk* a partir de 1901 e em *bokmål* a partir de 1907. Anteriores à 1907, também podemos atribuir ao *bokmål* textos com bastante características sugeridas pelos participantes da "guerra de idiomas", pois apesar de tais características não terem sido oficialmente aceitas, muitos textos já as utilizavam. A respeito do *landsmål*, já havia muitos textos escritos anteriores à 1901. Se houver apenas alguns norueguismos (*norvegisme*), como utilização aleatória do sufixo –a em infinitivos, não achamos que seja suficiente para afirmar que é um idioma escrita de base norueguesa. Skard (1972) atesta que encontramos mais norueguismos no registro jurídico, que manteve características que não são encontradas em outros registros como, por exemplo, conservação das vogais “a”, “o” e “u” em posição átona e formas como *deira* “deles”, e *gamal* “velho”, *nockor* “alguém” em vez do dinamarquês *deres*, *gammel* e *nogen*. Uma menor quantidade de norueguismos é encontrada na literatura histórica e topográfica e ainda menos nas escrituras religiosas, pois seguia o novo modelo dominante da literatura dinamarquesa de Reforma (p. 39).

Skard (1972) também afirma que o perecimento da escrita norueguesa ocorre em 1525, mas após essa data ainda houve locais que mantinham tal língua: os diplomas escritos em zonas rurais, principalmente nas partes sul e leste do país, e os jordebok²³. O último diploma escrito em norueguês é de Telemark (1583 ou 1584) e muitos dos diplomas do lagman²⁴ Jon Simonsson, embora a partir de 1525 esses diplomas começassem a ser escrito em dinamarquês, pode-se encontrar formas norueguesas.

Encontramos um poema escrito em 1525 em dialeto norueguês (VENÅS, 1990, p. 35). Ele é considerado mais antigo existente em norueguês (SKARD, 1973, pg. 32):

Hans myn dreng quaat kant tv göra kant tv tryskia held kant tv mala held // kant tv den plogen aat drive ieegh giffv deegh eet paar vaska [hestar] deen //

²²<http://riksmalsforbundet.no/organisasjon>

²³ Livro sobre registro de terras da Coroa, da Noruega e privadas.

²⁴ Era aquele que memorizada as leis e recitar as leis no Thing (assembleia de homens livres).

sommaren [du] hoos meegh bliue.

“Hans, meu garoto, o que tu podes fazer, você pode malhar ou pode pintar, ou você pode trabalhar com arado? Eu dou a ti alguns cavalos rápidos no verão em que estiver em minha companhia” [tradução nossa].

O livro de Venås trata sobre registros escritos em dialeto norueguês nesse período de escrita dinamarquesa.

No poema do padre Peter Dass (1647-1707) *Nordlands Trompet* vemos a utilização do dialeto da região do autor, Helgeland (Nordland). Alguns trechos:

- 1) *Æg sa, min goe Granne: Bruch qvænna me me.*
- 2) *Aa sloe saa mi qvæn uti stykia.*
- 3) *Saa gaar æg for skade, æg seia da maa*
- 4) *Hand sagde goe Skrivar, Æg hæve ey Sag*
- 5) *Og bytte saa qva vi forkværva*

Esse poema está de acordo com o dialeto da área do escritor. A forma do substantivo forte de gênero feminino termina em –a (*qvænna*, 1). O plural neutro terminado em –a (*stykia*, 2). Infinitivos terminados em a (*seia*, 3). O presente dos verbos fracos terminados em –e (*hæve,bytte* 4). Palatalização (*stykia*, 2). Assimilação de “nd” para “nn” (*qvænna*). “Kv” em vez de “hv” (*qva, forkværva*, 5). Marcação de palatalização (*stykia*, 2). Com base para essas considerações tivemos o livro de Jakobsen (1952, p. 43-45).

Como exemplo de textos em dinamarquês publicados na Noruega tomamos um comentário sobre o estado de São Paulo no livro de Karl Andree (1873, Band II, p. 829-830):

San Paulo, en af Rigets vigtigste Provindser, tæller over ½ Million Indbyggere (...). Den har en frugtbar Jordbund og store Kaffeplantager. Byen Santos er en af de ældste i Landet og har i de senere Aar hævet sig stærkt ved Kaffeudskibning, der i 1864 til 1865 beløb sig til 328,139 Sække. (...). Provindsialhovedstaden S. Paulo har 12.000 Indbyggere (...). Richard Burton har som engelsk Konsul i Santos paavist, at der i Provindsen findes rige Lagere

af Stenkul og Petroleum.

“São Paulo, uma das províncias mais importantes do país, conta com mais de meio milhão de habitantes (...). Ele tem um solo muito produtivo e grandes plantações de café. A cidade de Santos é uma das mais antigas do país e, nos últimos anos, se desenvolveu intensamente com a exportação de café. Entre 1864 e 1865 chegou a 328.139 sacas. (...). A capital da província, São Paulo, tem 12.000 habitantes (...). O cônsul inglês de Santos indicou que há na província ricas jazidas de carvão e petróleo”. (trad. nossa)

E também um comentário sobre o Brasil e o Rio de Janeiro em um livro que trata brevemente sobre a Geografia, escrito por Geelmuyden (1893):

Brasilien er en republik under navnet «Brasiliens forenede stater», idet hver af de tidlige provinser er en egen stat. Præsidenten vælges for 6 aar. Kongressen (stortinget) bestaar af to kamre. – Religionen er katholsk, oplysningen ikke er synderlig stor. (...) Rio de Janeiro, hovedstaden, ligger ved en havbugt, som er en af de skjønneste i verden; folketallet siges at være 800.000. Den har en livlig og udbredt handel med kaffe paa alle verdensdele. Paa den anden side af vendekredsen siger Santos, en by af Trondhjems folketal.

O Brasil é uma república sob o nome de “Estados Unidos do Brasil”, ao passo que cada uma delas é um próprio estado. O presidente é escolhido para governar por 6 anos. O Congresso consiste em duas câmaras. – A religião é católica e o acesso à informação não é especialmente grande. (...) O Rio de Janeiro, a capital, se localiza em uma baía, que é uma das mais bonitas do mundo. Diz-se que o número de habitantes é por volta de 800.000. Há um comércio vivo e generalizado com café em todo o Continente. Do outro lado do trópico se encontra Santos, uma cidade com o número de habitantes de Trondheim. (trad. nossa)

Nesses dois está escrito basicamente a língua dinamarquesa, pois não encontramos nenhum caso de consoante surda em vez de sonora, muito pelo

contrário, há tanto nos trechos quanto em outras partes desses dois livros *Rige* “reino”, *frugtbar* “fértil”, *lige* “estar localizado”, *aaben* “aberto”, *beløb* “ascendeu-se a”, *vide* “saber”, etc. em vez de *Rike*, *fruktbar*, *like*, *aapen*, *beløp*, *vite*. As formas no pretérito são em –ede, por exemplo, *svarede* “respondeu”, *kastede* “jogou” em vez de *svaret* e *kastet*. Também temos a manutenção da forma do neutro em -*t* nos adjetivos terminados em -*ig*: *et uansvarligt menneske* “um homem irresponsável” e as formas no plural indefinido *heste* “cavalo” e *hunde* “cães”, exemplos do livro de Geemuyden.

Apesar do texto literário de Bernt Lie (1901, p. 5) ser de um período anterior à data convencionada por nós (1907), poderíamos considerar esse texto como *rigsmaal*:

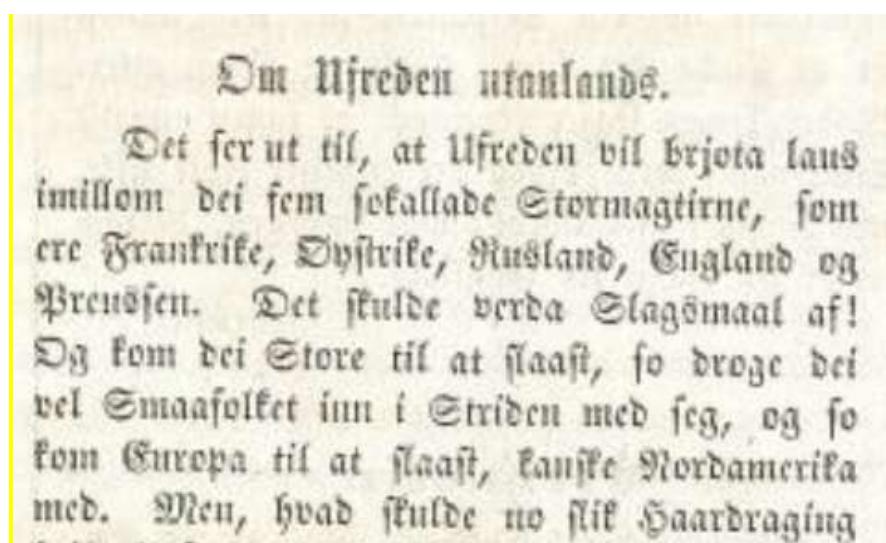
Stod der ingen anden utvei aapen, var han evig fuld av undskyldninger, hvorav han sendte den ene frem for sig efter den anden som en feltherre sine hærlinjer indtil sidste reserve. Saa hadde han tilfældigvis faat vite gal lekse igaar, - saa var netop dette blad ute av boken hans, eller han hadde en ældre utgave (...)

Nesse trecho narra-se as desculpas dadas pelo aluno Svend Bidevind para não fazer os exercícios. Consideramos esse texto como *rigsmaal* porque ele possui características como: utilização das consoantes surdas “p” (*aapen* “aberto”), “t” (*vite* “saber”, *ute* “fora”, *utgave* “exercício”), também há em outras páginas a forma em “k” (*like* “parecido”) em vez das consoantes sonoras (*aaben*, *vide*, *ude*, *udgave*, *lige*). Também encontramos as formas *hester* “cavalo” (terminação em –er da forma indeterminada do gênero comum em vez de –e no dinamarquês). Outra característica existente é a forma de pretérito em –te e -dde (*svarte* “respondeu”, *bodde* “morou”) em vez de –ede e em ambos os casos). Encontramos também vários casos de supressão da forma do neutro em -*t* nos adjetivos terminados em -*ig*: *et eller andet ubegripelig vis* “de alguma maneira incompreensível” em vez de *et eller andet ubegribeligt vis*, além da palavra também ser escrita com “p” e não com “b”.

Com relação ao *landsmaal*, encontramos atestações muito antes das primeiras atestações em *rigsmaal*. O seguidor de Aasen, Aasmund Vinje, publicou o primeiro jornal em *landsmaal* em 1858, conhecido como Dølen:



Vejamos um artigo do dia 23 de janeiro de 1859²⁵:



Sobre a guerra no estrangeiro

"Parece ainda que a guerra vai eclodir entre os cinco, assim chamados, grandes poderosos: França, Áustria, Rússia, Inglaterra e Prússia. Disto se tornaria uma batalha! E então viriam os adultos para a batalha, como também suas crianças, e então a Europa entraria em guerra, talvez junto com a América do Norte" (trad. nossa)

Percebemos nesse texto há muitas das propostas sugeridas por Aasen: infinitivo terminando em -a (*brjota* “romper”, *verda* “tornar-se”), assim como outras características não citadas anteriormente como, por exemplo: utilização do *dei* “eles/elas” em vez de *de*, o ditongo “au” (*laus*) em vez de “ø”, o pronome reflexivo de terceira pessoa *seg*, que é grafado *sig* em *rigsmaal* e dinamarquês. Em outras partes desse artigo também encontramos a utilização da forma em feminino, por exemplo, *ei*

²⁵ Disponível em: <http://sedak.ikamr.no/2012/sed0012-aasentunet/sed0012004/01/#/32/zoomed>

Jord “terra”, que é diferente da forma do dinamarquês e *rigsmaal*, pois estes utilizam o artigo comum (tanto para masculino como para feminino), *en Jord*. Também há o morfema –i da forma definida singular do feminino, portanto, *Soli* “o sol” em vez de do morfema –en do *rigsmaal* e dinamarquês, *Solen*.

Concluímos que a língua escrita norueguesa (como um sistema que possui vários dialetos) nunca deixou de existir, pois, por menor que seja a quantidade de registros, encontramos várias canções populares e poemas. Podemos considerar que tenha deixado de existir como língua política e de administração. O *nynorsk* (anteriormente *landsmål*) seria, portanto, uma expressão escrita formada a partir do cálculo de um denominador comum dos dialetos do Leste, que se normatizou e conseguiu atender à necessidade norueguesa de uma língua nacional.

Bibliografia

- AASEN, I. *Prøver af landsmaalet i Norge*. Christiania: Carl Werner, 1853.
- _____. *Norsk Grammatik*. Christiania: Mallings Forlagsboghandel, 1864.
- _____. *Norsk Ordbog: med dansk Forklaring*. Christiania: Mallings Forlagsboghandel, 1873.
- ANDREE, K. *Verdenshandlens Geografi*. B.2. Christiania [Oslo]: J. Rasch, 1873
- GEELMUYDEN, I. *Lærebog i geografien*. Kristiania [Oslo]: Malling, 1893
- HANSEN, E. *Dialekter i Norge*. Bergen: Vigmostad & Bjørke AS, 2010
- JAHR, H. *Dialekter og dialekt-bruk i Norge*. In: JAHR, H (org.). *Den store dialektboka*. Oslo: Novus, 1990
- LIE, B. *Svend Bidevind: skolehistorier*. Kristiania [Oslo]: Aschehoug, 1901
- NESSE, A. Written and spoken languages in Bergen in the Hansa era. In:
- BRANMÜLLER, Kurt; FERRARESI, Gisella (Org.). *Aspects of multilingualism in European language history*. Amsterdam: Benjamins, 2003. p. 61-84.
- SKARD, V. *Norsk språkhistorie. Bd 1, til 1523*. Oslo: Universitetsforlag, 1973
- _____. *Norsk språkhistorie. Bd. 2, 1523-1814*. Oslo: Universitetsforlag, 1972
- STORM, G. P. A. Munch. Samlede Afhandlinger. I (1831-Marts 1849). Kristiania [Oslo]: Cammermeyer, 1873
- TORP, A; VIKØR, L. S. *Hovuddrag i norsk språkhistorie*. Oslo: Gyldendal Norsk Forlag AS, 2000.
- TORP, A. Sørlandet. In: JAHR, H. *Den store dialektboka*. Oslo: Novus, 1990
- VENÅS, K. *Den fyrste morgenblånen: tekster på norsk frå dansketida*. Oslo: Novus, 1990